

LINGUAGEM E SOCIABILIDADES: LACUNAS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA de 2004-2013

LANGUAGE AND SOCIABILITIES: LACQUINS IN ACADEMIC PRODUCTION 2004-2013

Anderson Patrick Rodrigues¹

Resumo: Esta pesquisa objetiva analisar o que dizem Teses e Dissertações sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica, defendidas em Programas de Pós-graduação brasileiros entre 2004 e 2013. Para o tratamento das informações, recorreu-se à análise de conteúdo de Bardin (2011) e como aporte metodológico recorreu-se a Bourdieu (1989, 1996, 2003 e 2014) e Coelho (2006, 2016a, 2016b). Os resultados revelam que o estudo sobre as sociabilidades adolescentes neste período nada falam sobre como as influências da linguagem na construção das sociabilidades entre adolescente escolares.

Palavras-chave: Sociabilidades Adolescentes. Escola Básica. Linguagem. Educação.

Abstract: This research aims to analyze what Theses and Dissertations say about teenage sociabilities in the Basic School, defended in Brazilian Post-Graduation Programs, between 2004 and 2013. For the treatment of information, we used the content analysis of Bardin (2011) and As a methodological contribution Bourdieu (1989, 1996, 2003 and 2014) and Coelho (2006, 2016a, 2016b) were used. The results reveal that the study on adolescent sociabilities in this period does not talk about how the influences of language on the construction of sociabilities among adolescent schoolchildren.

Keywords: Teen Sociabilities. Basic school. Language. Education.

INTRODUÇÃO

A produção acadêmica representa um sistema simbólico, formado por diversos microcosmos de conhecimento e voltado ao atendimento dos interesses de determinados grupos, em detrimento de outros (BOURDIEU, 1989, p. 12). Nele circulam ideologias e concepções privilegiadas pelos grupos legitimados como detentores do conhecimento valorizado. Esta circulação compõe um campo voltado para a produção ou ratificação de conhecimento e ideologias, constituindo um campo de força ou de luta, pois nele seus agentes atuam conforme suas determinações ou mudando sua estrutura (BOURDIEU, 1996).

A noção de campo está ligada a espaços sociais normatizados e dinamizados por uma lógica estrutural e estruturante, simultaneamente, podendo influenciar e ser influenciada por

¹ Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará – PPGED-UFPA; Licenciado em Letras, pela Universidade Federal do Pará. E-mail: andersonptk.rodrigues@gmail.com

seus agentes (MORAES, 2007). Para Pierre Bourdieu, o campo, no seu conjunto, pode ser compreendido como

um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas escolas ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos que eles produzem, em sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções. (BOURDIEU, 2003, p. 179).

O campo traz em si representações resultantes de um diálogo simbólico marcado pela disputa hierárquica, que atribui o lugar social de seus agentes dentro de uma disputa de poder. O campo acadêmico não é indiferente a este diálogo, e uma das formas de legitimá-lo encontra-se na produção de conhecimento que atribui e ratifica a este campo legitimidade e poder, pois a partir destas produções, legitimadas simbolicamente pelo campo em que se realizam, resultam em mudança de mentalidade e representatividade sobre o conhecimento nele produzido (BOURDIEU, 2014; THIJM, 2014).

Nesta perspectiva, analisamos Teses e Dissertações produzidas em diferentes Programas de Pós-graduação brasileiros, no período compreendido entre 2004 e 2013 e disponibilizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDBTD, priorizando o debate teórico sobre linguagem e Sociabilidades entre adolescentes na Escola Básica. Esta pesquisa, portanto, adentra em um campo em crescimento contínuo, mas que, em determinado momento da história de seus estudos, suas representações de dominância ainda não estavam bem definidas a exemplo das Teses e Dissertações analisadas.

A partir da análise do Conteúdo, segundo Bardin (2011), entendida como conjunto de técnicas de análises das comunicações que tem como objetos as mensagens e como objetivo a manipulação destas mensagens, que possibilitem inferências de outras realidades que não a expressa *ipsis litteris* na mensagem estudada; ocupar-nos-emos de analisar e compreender o conceito de “sociabilidades adolescentes” presentes nos discursos que permeiam os trabalhos produzidos no período determinado, sobre o viés linguístico, objeto desta pesquisa, e como este influencia o desenvolvimento das pesquisas.

Esta pesquisa é composta de vinte e um trabalhos de conclusão de curso de Programas de Pós-graduação de diferentes regiões do Brasil, defendidos entre 2004 a 2013, distribuídos em dois grupos: o das Teses de Doutorado, composto pelos trabalhos de Carla Beatriz Meinerz (2005)², Lilia Neves Gonçalves (2007)³, Inês Almeida Vieira (2009)⁴,

2 MEINERZ, Carla Beatriz. *Adolescente no pátio, outra maneira de viver a escola: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar à periferia urbana*. 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

Rogério Cruz de Oliveira (2010)⁵, Antônio Eustáquio Ferreira (2012)⁶, e Maria das Graças do Espírito Santo Tigre (2013)⁷; e o das Dissertações de Mestrado, composto pelos trabalhos de Dalva Maria Ribas Brum (2004)⁸, Emanuel José Batista de Lima (2005)⁹, Mauro Meirelles (2005)¹⁰, Carlos Augusto Callegaro (2007)¹¹, Claudemir José dos Santos (2007)¹², Daniele de Souza Barbosa (2007)¹³, Rosa Eulógia Ramirez (2008)¹⁴, Sara Villas (2009)¹⁵, Maria Dolores

3 GONÇALVES, Lilia Neves. *Educação Musical e Sociabilidade: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960*. 2007. 333 f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

4 VIEIRA, Inês Almeida. *“Delicadeza e Espírito de Grupo”*: o basquetebol como invenção cultural. 2009. 173 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2009.

5 OLIVEIRA, Rogério Cruz de. *Na “Periferia” da Quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola*. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

6 FERREIRA, Antônio Eustáquio. *Função Paterna e Sociabilidade Violenta em Jovens escolares*. 2012. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

7 TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. *Escola, Juventude e Violência: um estudo no ensino médio*. 2013. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

8 BRUM, Dalva Marisa Ribas. *Expressões Juvenis na Cultura Escolar: um olhar para a escola pública*. 2004. 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

9 LIMA, Emanuel José Batista de. *Adolescentes e Jovens e suas Bases de Apoio: relações de amizade com suporte social no enfrentamento à violência*. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

10 MEIRELLES, Mauro. *As Redes que se Tecem nas Escolas Públicas de Ensino Médio de Porto Alegre: o uso das tecnologias digitais e construção de indicadores de fluência digital a partir de uma abordagem sociotécnica*. 2005. 309 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

11 CALLEGARO, Carlos Augusto. *Juventude(s) e escola: suas culturas em diálogo*. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2007.

12 SANTOS, Claudemir José dos. *Futebol se Aprende na Escola: novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano*. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

13 BARBOSA, Daniele de Souza. *“Tamo Junto e Misturado!”*: um estudo sobre sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública. 2007. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2007.

Pinto Araújo (2009)¹⁶, Aline de Araújo Ferrão (2011)¹⁷, Gelson Antônio Leite (2011)¹⁸, Verônica Gabriela Silva Piovani (2012)¹⁹, Ubiratan Santos Pouzas (2012)²⁰, Liane Aparecida Roveran Uchoga (2012)²¹, e Gustavo Arthur Monzeli (2013)²².

A organização dos trabalhos aconteceu em três fases complementares: pré-análise, exploração do material, e tratamento dos resultados, inferências e interpretações. Seguindo as orientações de Bardin (2011, p. 95), a pré-análise consistiu na organização e sistematização das ideias iniciais para assim facilitar o desenvolvimento da pesquisa; a exploração do material consistiu em ler e selecionar os trabalhos que foram analisados; e o tratamento dos

14 RAMIREZ, Rosa Eulógia. *Perfil dos Valores Juvenis Contemporâneos: uma análise comparativa entre escolas particulares e públicas da capital e do interior do Estado do Rio Grande do Sul*. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

15 VILLAS, Sara. *Formas de Sociabilidade entre Alunos de uma Escola de Ensino Médio/Técnico*. 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

16 ARAÚJO, Maria Dolores Pinto. *Escola, Criança Favelada e Processos de Socialização: estudo sobre padrões de socialização no ambiente familiar e na escola*. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

17 FERRÃO, Aline de Araújo. *A violência na Escola e o seu papel de Socialização*. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

18 LEITE, Gelson Antonio. *Juventude e Socialização: Os Modos do ser Jovem Aluno das Camadas Médias em uma Escola Privada de Belo Horizonte - MG*. 2011. 190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

19 PIOVANI, Verônica Gabriela Silva. *Escola, Tecnologia e Sociabilidade na Educação Física: intercâmbios pedagógico-culturais no âmbito do Plano CEIBAL e do PROUCA*. 2012. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina. 2012.

20 POUZAS, Ubiratan Santos. *Lazer, Juventude E Ensino Médio/Técnico: um estudo sobre as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer no Coltec*. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

21 UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. *Educação Física Escolar e Relações De Gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos*. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação Física) – Universidade Estadual De Campinas. 2012.

22 MONZELI, Gustavo Arthur. *Em Casa, na Pista ou na Escola é Tanto Babado: espaços de sociabilidade de jovens travestis*. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Educacional) – Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

resultados, inferências e interpretações consistiram na separação e no tratamento dos trabalhos em categorias que facilitarão o mapeamento pretendido e a análise final dos mesmos.

A pré-análise e a exploração do material constituíram a primeira fase de nosso estudo, nela ocorreram a delimitação dos objetivos, a busca, leitura e a seleção das Teses e Dissertações sobre sociabilidades adolescentes no período delimitado entre 2004 e 2013, no Brasil, ou seja, ocupamo-nos de buscar material para compor o *corpus* de nossa pesquisa e agrupá-los de acordo com os dados brutos obtidos para, posteriormente, criarmos um quadro conceitual que facilitará a realização de análise aqui proposta.

A fase posterior ocupou-se da criação, organização e análise de categorias e unidades temáticas, pois o mapeamento inicial dos trabalhos encontrados nos permite agrupá-los em categorias em torno de algumas unidades de temas correntes, que não serão discutidas no decorrer deste trabalho, pois nosso objetivo aqui é o debate sobre as influências da linguagem nos processos de sociabilidades entre adolescentes escolares.

Em caráter explicativo, afirmamos que os dados foram categorizados de acordo com os conceitos de Laurence Bardin (2011), possuindo, portanto, certas qualidades como: meio de exclusão mútua - cada elemento só pode existir em uma categoria; homogeneidade - para definir uma categoria é preciso haver só uma dimensão na análise. Se existem diferentes níveis de análise, eles devem ser separados em diferentes categorias; pertinência - as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa às questões norteadoras, às características da mensagem, etc; objetividade e fidelidade - se as categorias forem bem definidas, se os temas e indicadores que determinam a entrada de um elemento numa categoria forem bem claros, não haverá distorções devido à subjetividade dos analistas; e produtividade - as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados exatos; para apresentar de forma condensada os dados em bruto, buscando torná-los significativos e válidos.

Passaremos, a partir da sessão seguinte, ao estudo sobre as concepções de sociabilidades adolescentes que norteiam as Teses e Dissertações por nós analisadas nesta pesquisa.

PARA COMPREENDER AS SOCIABILIDADES

Não é novidade o estudo de formas de socialização entre adolescentes em idade escolar. Estudiosos como a professora Lucélia Bassalo (2009); a professora Wilma Coelho (2014) e o professor Juarez Dayrell (2001), dentre outros, vem dedicando seus esforços para

compreender este fenômeno, estes últimos, especificamente, sobre a relação estabelecida entre estes e a música; e como a música pode agir enquanto agente socializador, “à medida que produz e veicula molduras de representação da realidade, de arquétipos culturais, de modelos de interação entre indivíduo e sociedade, e entre indivíduo e indivíduo” (DAYRELL, 2001, p. 21).

(...) Não obstante, ela também serve ao estabelecimento de identificações, em especial entre adolescentes, como é o caso das bandas reconhecidas como *emo-pop*, especialmente consumidas pelos adolescentes que se identificam como *emos*. Isto é o que nos permite pensar as preferências musicais compartilhadas como uma expressão da identidade adolescente, sem prejuízo de sua diversidade (COELHO, 2014: p. 112).

A música, porém, é apenas mais um agente socializador de nossa juventude. E não podemos esquecer que a sociabilidade nasce da socialização entre indivíduos e que esta, antes de acontecer na escola, ocorre em casa, na rua, nas esquinas, nos pontos de encontro, nas relações de amizade e lazer, no trabalho, na convivência com a violência urbana, nas redes sociais, no enfrentamento dos aparelhos repressivos, dentre outros (SPOSITO, 1994).

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano (ibidem, 2004, p. 161).

Diante de múltiplas possibilidades de compreensão desta temática, nosso intuito é buscar compreender como e o que dizem Teses e Dissertações defendidas em Programas de Pós-graduação brasileiros, no período de 2004 a 2013, sobre sociabilidades adolescentes, especificamente, a respeito das influências da linguagem sobre as relações de sociabilidades, relacionadas às hierarquias existentes no espaço escolar, nos sistemas simbólicos que constroem a realidade estruturada e ao mesmo tempo estruturante²³ que determinam as relações de poder que asseguram a naturalidade dominante de um grupo sobre o outro através de um **habitus**, ou seja, através da internalização de estruturas sociais incorporadas

²³ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

socialmente de acordo com a posição social de cada indivíduo no campo em que estão inseridos²⁴.

Na verdade, debater conteúdos tão complexos no cotidiano escolar é entender que não se trata de um problema de diálogo, desvios psicológicos ou aceitação do diferente; a questão envolve, fundamentalmente, relações de poder, e essas produzem e reproduzem as identidades e anunciam as diferenças. (...) Em muitas ocasiões, o discurso presente em sala de aula refere-se à aceitação e tolerância do outro, mas, entre os atores da educação, melhor seria se o outro vestisse as mesmas roupas, usasse as mesmas gírias, escutasse as mesmas músicas, fizesse os mesmos movimentos, etc. (NEIRA; NUNES, 2008, p. 89).

De acordo com a análise dos trabalhos por nós pesquisados, a sociabilidade é apresentada “como relativa às interações que se estabelecem por opção do indivíduo, destacando-se seu aspecto de ludicidade e de espontaneidade” (MEINERZ, 2005, p. 24), e resultante de relações sociais, econômicas, históricas, objetivas (GONÇALVES, 2007, p. 22), que se concretiza no envolvimento de atores sociais em torno de suas realizações conjuntas (VIEIRA, 2009, p. 10), ou seja, a finalidade em se agrupar é a própria relação e a satisfação ocorre ao estabelecer laços que têm em si mesmos a sua razão de ser (CALLEGARO, 2007, p. 60)²⁵.

Autores como Meinerz (2005), Gonçalves (2007), Callegaro (2007), Barbosa (2007), Vieira (2009), Villas (2009), Ferrão (2011), Leite (2011), Pouzas (2012), defendem o conceito de sociabilidade atrelado ao envolvimento de indivíduos ligados por uma motivação autônoma (que pode ser positiva ou negativa) e lúdica, realizada conjuntamente para a formação social; ou seja,

(...) tudo o que está presente nos indivíduos (que são dados de qualquer realidade histórica), sob forma de impulsos e interesses, propósito, inclinação, estado psíquico movimento – tudo o que está presente neles, de maneira a engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer de sociação. Em si mesmas essas matérias, com as quais a vida é preenchida, as motivações que as impulsionam não são sociais. Estritamente falando, nem fome, nem amor, nem trabalho, nem religiosidade, nem tecnologia, nem as funções e resultados da inteligência são sociais. São fatores de

²⁴ SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de Pensar a Sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu. *Revista Ars Historica*. Jan. /Jun. 2014, p. 139.151.. Disponível em: <file:///tmp/Dialnet-FormasDePensarASociedade-4766705.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

²⁵ O referencial teórico que fundamenta os trabalhos é formado majoritariamente por Georg Simmel²⁵ (1983), Juarez Dayrell²⁵ (2005), Anthony Giddens²⁵ (2005), e Bernard Lahire²⁵ (1997). Este último especificamente trabalhando a relação estabelecida entre estudantes de origem popular, a escola, os fatores que o conduzem ao fracasso e ao sucesso escolar. É importante destacar, porém, um referencial teórico suplementar, dedicado ao estudo detido sobre processos de sociabilidade na atualidade, apresentado por Villas (2009, p. 26), composto por Costa *et al* (1990), Heran (1988), Santos (1994), em termos quantitativos; e Abrantes (2003), Barbosa (2007), Forsé (1991), Lopes (1996), Pais (1990), Santos (1994), em termos qualitativos.

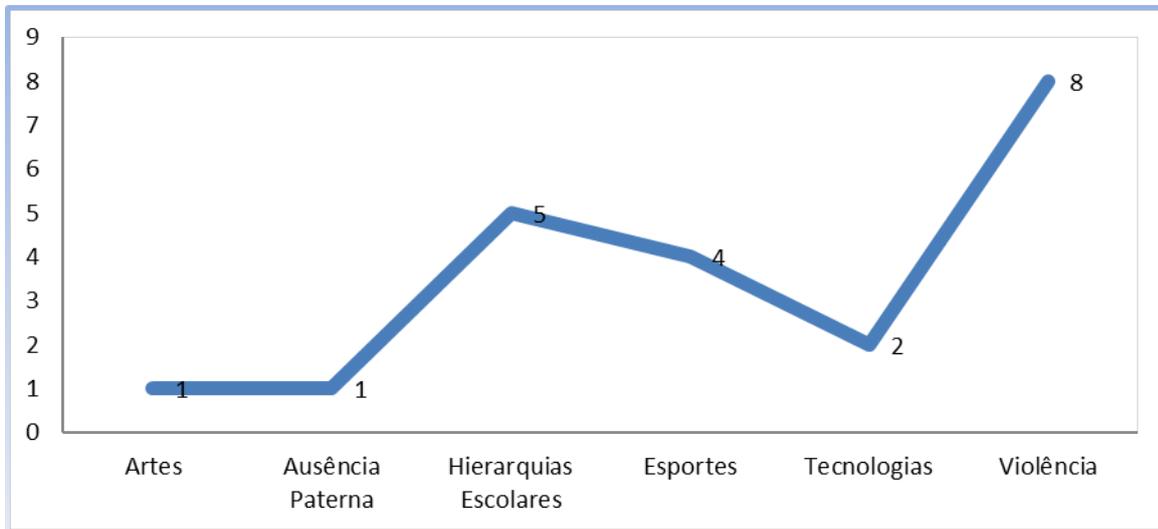
sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – as formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação. (SIMMEL, 1983, p. 166).

No tocante ao ambiente escolar, os autores entendem a escola como um espaço de sociabilidade, “como categoria que complementa a socialização” (CALLEGARO, 2007, p. 16), que “pode muitas vezes funcionar como um espaço de ampliação de sociabilidade” (BARBOSA, 2007, p. 89), pois constitui-se um dos “principais locais de convívio entre os adolescentes, ambiente de múltiplas relações, de comunicação e de troca” (VILLAS, 2009, p. 18), ou seja, a escola é um local de “encontros e desencontros, buscas e perdas, descobertas e encobrimentos, de vida e negação da vida” (OLIVEIRA, 2010, p. 54); “permeada de saberes que estão para além de seus muros, paredes e projetos pedagógicos e por ações e movimentos que ultrapassam o esperado pela instituição” (MEINERZ, 2005, p.20); dentro de “um cotidiano organizado e hierarquizado, no qual cabe a cada um dos que ali convivem uma função e um papel (professores, alunos e funcionários)” (BRUM, 2004, p. 14).

Por outro lado, um grupo de autores(as), formado por Meinerz (2006), Meirelles (2005), Barbosa (2007) e Monzeli (2013), investiga a preferência de estudantes adolescentes por lugares ou espaços não formativos dentro da escola, ou seja, pátios, quadras, banheiros etc. lugares privilegiados pelos estudantes para desenvolverem suas sociabilidades enquanto a sala de aula acaba renegada a um espaço figurativo, o que pode revelar que há algo de errado na Escola Básica brasileira.

Os trabalhos analisados nos indicam alguns dos agentes motivadores das relações de sociabilidades estabelecidas entre os(as) adolescentes neles investigados(as), dentre os quais, para nossa surpresa, não figuram a linguagem e as questões sociais referentes à variação linguística. **O gráfico 01** apresenta estes agentes, dentre os quais destaca-se a violência como determinante entre as relações de sociabilidades analisadas, seguida pelas relações estabelecidas durante as práticas esportivas e em meio às hierarquias presentes na própria escola.

Gráfico 01: Categorias apontadas como influenciadoras das Sociabilidades Adolescentes na Escola Básica.



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada. 2016.

Como podemos observar, a violência aparece como agente principal de realização das sociabilidades na Escola Básica e nos alerta para a necessidade de uma ação efetiva da escola no sentido de combatê-la, em todas as suas realizações: contra escola (através de danificação de equipamentos, móveis e estruturas físicas), entre os adolescentes (agressões físicas e verbais mútuas); e em sua versão simbólica (através de discriminações sociais e raciais, abusos de autoridade e de poder) (FERRÃO, 2011).

Ainda que a violência esteja diretamente relacionada às sociabilidades adolescentes investigadas nos trabalhos desenvolvidos entre os anos de 2004 a 2013, outras categorias também foram apontadas como influenciadoras destas sociabilidades: as hierarquias escolares (BRUM, 2004; RAMIREZ, 2008; ARAÚJO, 2009; UCHOGA, 2012); a ausência paterna (FERREIRA, 2012), ambas relacionadas à violência simbólica e física, respectivamente; os Esportes (SANTOS, 2007; VIEIRA, 2009; OLIVEIRA, 2010); e aqui incluo também o lazer estudado por Pouzas (2012); as tecnologias (MEIRELLES, 2005; PIOVANI, 2012); e as artes (GONÇALVES, 2007). Uma lacuna, no entanto, se evidencia: a influência da linguagem, mais especificamente as variantes linguísticas, na determinação das relações de sociabilidades de adolescentes escolares.

LINGUAGEM E SOCIABILIDADES

As relações sociais iniciam no ato comunicativo, na necessidade humana de comunicar e interagir através do uso da linguagem, nem sempre a verbal, mas “qualquer sistema de

signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência” (BECHARA, 2009, p 15). A semanticidade talvez seja a dimensão mais complexa da linguagem, já que ela leva à alteridade, ou seja, só há interlocução se houver reconhecimento de signos linguísticos, tal reconhecimento resulta em entendimento e assim se realiza o ato comunicativo que, por sua vez, está a serviço da historicidade, ou seja, de uma tradição arbitrária linguística que determina a forma e os conteúdos comunicativos que refletem o pensamento social em determinados tempo e lugar históricos (BECHARA, 2009).

A linguagem que utilizamos em nossas sociabilidades manifesta-se no ato linguístico, isto é, em

cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua expressão, mas também no seu significado, isto é, no seu conteúdo. (BECHARA, 2009, p. 17).

A linguagem, portanto, é um ato social e, a partir dela, estabelecemos nossas redes de sociabilidades e expressamos as ideologias que adquirimos socialmente, passiva e arbitrariamente, de forma a que, ainda que despercebidamente, as reutilizemos e as ratifiquemos. Por meio da linguagem interagimos com os outros, nos incluímos e excluimos, pois a linguagem também é um instrumento de preconceito²⁶ e discriminação²⁷ contra sujeitos falantes de modalidades linguísticas diversas da institucionalizada pela escola, pela sociedade urbana e capitalista, como padrão a ser seguido.

²⁶ Por preconceito, podemos entender tratar-se de parte do desconhecimento, do estranhamento e da hostilidade ao “estranho”. É uma crença prévia sobre algo ou alguém, especialmente vinculado a uma ideia de inferioridade. O preconceito é um conceito apressado, cultivado da opinião equivocada, antes de compreender o outro na sua alteridade. Existem alguns latentes na nossa sociedade, mercedores de ressalva: preconceito contra mulheres, homossexuais, idosos, jovens, crianças, obesos, deficientes, linguístico, de classe e de cor/racial. (COELHO; SILVA, 2016).

²⁷ A discriminação social motivada pela diversidade de usos linguísticos é estudada no campo da Linguística nas pesquisas sobre “preconceito linguístico”, que pode ser entendido como o preconceito contrário a falantes não conhecedores ou usuários da modalidade culta da Língua Portuguesa. É um preconceito muito comum, alimentado diariamente nas redes sociais, na televisão, nos jornais, nos programas humorísticos, nas anedotas, em livros e manuais de língua portuguesa voltados para o ensino do “certo” e do “errado” em Língua Portuguesa; e também pela própria escola que, ao privilegiar o ensino da gramática normativa da Língua Portuguesa, automaticamente exclui o ensino de outras variantes deste idioma. Este preconceito está ligado a outros preconceitos perpetuados ao longo dos séculos e é reflexo da imagem negativa que o brasileiro tem de si mesmo, da formação do povo brasileiro e da língua falada, não respeitando as influências linguísticas estrangeiras “não brancas”, que também contribuíram para a construção da diversidade cultural e regional do Brasil e do português brasileiro. Para aprofundamento no debate sobre o preconceito linguístico, sugerimos o livro “Preconceito Linguístico: o que é como se faz?”, do professor Dr. Marcos Bagno (2007).

Os atos de linguagem ou, se preferir, a conversação, é modalidade básica de sociabilidade humana (FRUGOLI JR, 2007, p. 10). Logo, não podemos iniciar um debate sobre sociabilidades sem tratarmos sobre o início deste processo que é, predominantemente, linguístico, pois é pela palavra que “os participantes zelam pela relação em curso, por meio de regras de amabilidade e etiqueta voltadas à circunscrição de qualquer exacerbação das individualidades” (idem, ibdem). Nesta perspectiva, por sociabilidade, podemos entender tratar-se de

“o social puro”, forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais. (FRUGOLI JR, 2007, p. 09).

A linguagem, porém, é apenas uma modalidade de sociabilidade, outras modalidades também podem definir as aproximações e os afastamentos de grupos sociais, marcando ou direcionando nossas interações, tais como: convivência, interação, espaços públicos, tradições históricas, grupo étnico, condição sexual, relações cotidianas ou familiares, costumes, festas, etc. (ibdem) e, a partir delas, nos formamos e nos constituímos enquanto indivíduos e enquanto pertencentes a determinado(s) grupo(s).

Nós nos educamos nas relações que mantemos uns com os outros. É assim que vamos nos formando para a vida, para o trabalho, para frequentar as escolas, para sermos cidadãos. Educamo-nos no convívio amistoso ou tenso, muitas vezes desrespeitoso com pessoas de diferentes faixas etárias, distintos grupos sociais, diversas visões de mundo. (SILVA, 2012).

É a partir da linguagem que se realizam as diferentes formas de socialização que igualmente interferem e determinam as relações de sociabilidade dos indivíduos, pois, segundo Dubet (1997), somos seres constituintes de uma sociedade complexa, movida pela constante interação entre atores diversos e, a partir desta, nos alocamos em círculos sociais hierarquicamente diferenciados, dotados de tarefas e de papéis específicos e determinados por uma estrutura simbólica de poder. Esta socialização pode resultar, de um lado, em individualização dos sujeitos a medida em que se identificam como pertencentes a determinado grupo dominante, norteados por valores específicos quase sempre excludentes de novos sujeitos. De outro, em sujeitos dependentes da socialização como forma de constituição individual reprodutora da ordem social através da naturalização das práticas e das posições ocupadas pelos diferentes sujeitos sociais, constituindo-se assim a base da diferenciação social que ao mesmo tempo em que torna o indivíduo um sujeito autônomo, o torna sujeito atrelado à capacidade de desenvolvimento de suas sociabilidades (DUBET, 1997).

Daí a importância do estudo das influências da linguagem na constituição das hierarquias sociais, em especial na escola, buscando, assim, compreender como o uso que nossos estudantes fazem da língua (modalidade culta, modalidade popular, gírias, dialetos, idioletos, verbal, ou escrita a partir de pichações nos muros e banheiros da escola, por exemplo), denotam poder a estes de discriminação, ou seja, de excluir e incluir em seus respectivos grupos, aqueles e aquelas considerados aptos ao convívio social padronizado (BAGNO, 2003).

Poderia citar vários exemplos, mas restrinjo-me a um exemplo corrente na região norte, especificamente no estado do Pará, que diz respeito à discriminação sofrida por falantes do sotaque interiorano, ou “caboclo”, paraense nas relações de sociabilidades que estabelecem no cotidiano das diferentes instâncias sociais da capital, Belém do Pará, logo, também na escola, resultante em ridicularização e exclusão destes sujeitos conhecidos como “caboclos” do meio social.

Esta temática vai muito além de um preconceito meramente linguístico, pois nos sinaliza a existência de um preconceito social, visto que a escola, ao privilegiar a língua padrão como certa e condenar ao erro seus “desvios”, no caso apresentado o sotaque interiorano ou “caboclo” paraense, revela a superioridade do erudito sobre o popular, logo, as influências de hierarquias herdadas de uma escola tradicional, aristocrática, portanto, centrada na valorização de uma cultura de maior capital cultural, econômico e também dominante, em detrimento de culturas consideradas inferiores, marcada socialmente através da linguagem e reforçando o ideário popular que nos revela a existência de um lugar social atribuído ao caboclo paraense a partir de um contínuo.

Tomemos primeiro como base o contínuo de urbanização. Em uma das pontas dessa linha, nós imaginamos que estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto da escrita, também chamado ortografia do padrão correto da pronúncia, também chamado ortoépia, da composição de dicionários e gramáticas. Enquanto os falares rurais ficavam muito isolados pela dificuldades geográficas de acesso, como rios e montanhas, e pela falta de meios de comunicação, as comunidades urbanas sofriam a influência de agências padronizadoras da língua, como a imprensa, as obras literárias e, principalmente, a escola. Nas cidades também se desenvolvia o comércio e, depois, a indústria; ali se instalavam as repartições públicas civis e militares, as organizações religiosas e outras instituições sociais que são depositárias e implementadoras de culturas de letramento. No âmbito dessas instituições, são usados preferencialmente estilos monitorados da língua tanto na modalidade escrita quanto na oral. Conforme nós já vimos, há domínios sociais onde predomina uma cultura de oralidade, por exemplo, o domínio do lar, e há outros como o domínio da escola, dos hospitais, dos escritórios, das repartições públicas, dos cartórios, etc., onde predominam culturas de letramento (BORTONI-RICARDO, 2004, p.51-52).

Tal exemplo nos sinaliza para o constante desafio de superar o preconceito e as situações jocosas as quais são submetidos os(as) falantes de modalidades linguísticas desprestigiadas dentro dos espaços de letramento, em especial a Escola Básica. Paradoxalmente, este mesmo sotaque interiorano segue, atualmente, a fazer grande sucesso na internet, em canais interativos do *youtube*, produzido por jovens que buscam valorização da cultura paraense, onde o sotaque caboclo paraense e as gírias típicas de nosso cotidiano amazônico são o mote para tratar, ainda que sobre o viés do humor, sobre diversos temas relevantes do cotidiano da cidade.

Mesmo consumindo esses conteúdos, nossos adolescentes ainda reproduzem a discriminação aos falantes do sotaque interiorano paraense, seja por inculcação hereditária, seja pela insistência da escola em trabalhar o “certo” e o “errado”, logo, em privilegiar a modalidade padrão culta de língua como única correta e habilitada ao trato social; ou ainda pela incapacidade da escola em desenvolver em seus estudantes/falantes uma gramática social, onde as variantes não deixem nenhum usuário à margem do processo comunicativo. Eis porquê a necessidade de um currículo voltado para a valorização da identidade sociocultural dos estudantes, bem como a realidade concreta em que vivem e se relacionam com a escola e com a cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, podemos afirmar que as pesquisas analisadas apontam a Escola Básica brasileira como uma instituição de reprodução de hierarquias, uma instituição que não consegue acompanhar as mudanças atuais do mundo moderno, não conhece seus estudantes, seus gostos e interesses, pouco sabe sobre o ensino para adolescentes e as necessidades básicas de constituição social destes; ficando, assim, impotente, sem saber que atitudes tomar frente aos desafios de tornar a escola atrativa para estes(as); e diante dos conflitos correntes nas relações de sociabilidades de seus(suas) estudantes com a escola, com suas famílias e com os(as) demais estudantes.

Neste sentido, compreende-se a necessidade de estudarmos mais de perto como se dão as relações de sociabilidades entre adolescentes, na escola Básica e, assim, identificar como se constroem as hierarquias que norteiam as aproximações entre grupos e a exclusão dos “estranhos no ninho”, mapear os problemas resultantes dessas sociabilidades e traçar metas para corrigi-los, aperfeiçoando assim, o processo formativo desses adolescentes e de suas redes de socialização nos espaços escolares, sejam eles formativos ou não.

Por fim, enfatizamos a necessidade de repensarmos a linguagem como agente influenciador de sociabilidades e defendemos uma formação linguística voltada para a valorização social dos falantes, saindo do limite de “certo” e “errado” e focada na comunicação, na compreensão e na comunhão, já que a linguagem nos permite comungar ideias, saberes e opiniões. Também enfatizamos a importância de professores preparados para proporcionar este momento comunicativo a seus estudantes, para desenvolver nestes uma gramática capaz de ir além da norma culta e, assim, auxiliar na inclusão de estudantes de diferentes níveis sociais e econômicos nas atividades interativas da escola, resultando em uma mudança efetiva e também qualitativa no processo de ensino-aprendizagem cotidiano da Escola Básica e no maior conhecimento de nossos estudantes adolescentes, suas formas de sociabilidade e suas relações com a Escola Básica para, de posse de tal conhecimento, traçarmos as melhores estratégias de nossa atuação docente.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Dolores Pinto. *Escola, criança favelada e processos de socialização: estudo sobre padrões de socialização no ambiente familiar e na escola*. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- _____. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARBOSA, Daniele de Souza. *“Tamo Junto e Misturado!”: um estudo sobre sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública*. 2007. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2007.
- BASSALO, Lucélia M. B.. *juventude@resistências a heteronormatividade.com.br*. In: 4.º *Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: composições e desafios para formação docente*, 2009, Rio Grande. *Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: composições e desafios para formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004. 108p.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- _____; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*. Petrópolis RJ: Vozes, 2014.
- _____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996.
- _____. *A Dominação Masculina*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *A Economia das Trocas Simbólicas: o que o falar quer dizer*. Prefácio Sérgio Miceli. Tradução Sérgio Miceli et. al. São Paulo: Ática, 1996.
- BRUM, Dalva Marisa Ribas. *Expressões Juvenis na Cultura Escolar: um olhar para a escola pública*. 2004. 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

- CALLEGARO, Carlos Augusto. *Juventude(s) e escola: suas culturas em diálogo*. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2007.
- COELHO, Wilma de Nazaré Baía. *A cor Ausente: um estudo sobre a presença do negro na formação de professores – Pará, 1970-1989*. Belém: Editora da UNAMA, 2006.
- _____. Preconceito e Discriminação para Além da Sala de Aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar. In.: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MÜLLER, Tânia Maria Pedroso; SILVA, Carlos Ademir Farias da. (Org.). *Formação de Professores, livro didático e Escola Básica*. São Paulo: Livraria da Física, 2016.
- _____; SILVA, Carlos Ademir Farias da. Preconceito, Discriminação e Sociabilidades na Escola Básica. In.: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MÜLLER, Tânia Maria Pedroso; SILVA, Carlos Ademir Farias da. (Org.). *Formação de Professores, livro didático e Escola Básica*. São Paulo: Livraria da Física, 2016.
- _____. *Formação de Professores no Brasil: notas e contextos*. Revista Documento/monumento. Vol. 15.N.1. set. 2015. Disponível em: <<https://ufpa.academia.edu/WilmadeNazar%C3%A9Ba%C3%ADaCoelho>>. Acesso em: 07 de novembro de 2016.
- DAYRELL, Juez. *A Música Entra em Cena: O Rap e o Funk na Socialização da Juventude em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2001. 412 f.
- DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. *A socialização e a formação escolar*. Revista Lua Nova nº.40-41 São Paulo Aug. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264451997000200011#nt>>. Acesso em: 14 de agosto de 2016.
- FERRÃO, Aline de Araújo. *A violência na Escola e o seu papel de Socialização*. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2011.
- FERREIRA, Antônio Eustáquio. *Função Paterna e Sociabilidade Violenta em Jovens escolares*. 2012. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.
- FRÚGOLI JR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- GONÇALVES, Lilia Neves. *Educação Musical e Sociabilidade: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960*. 2007. 333 f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- LEITE, Gelson Antonio. *Juventude e Socialização: os modos do ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte - MG*. 2011.190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
- LIMA, Emanuel José Batista de. *Adolescentes e Jovens e suas Bases de Apoio: relações de amizade com suporte social no enfrentamento à violência*. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.
- MEINERZ, Carla Beatriz. *Adolescente no pátio, outra maneira de viver a escola: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar à periferia urbana*. 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- MEIRELLES, Mauro. *As Redes que se Tecem nas Escolas Públicas de Ensino Médio de Porto Alegre: o uso das tecnologias digitais e construção de indicadores de fluência digital a partir de uma abordagem sociotécnica*. 2005. 309 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MONZELI, Gustavo Arthur. *Em Casa, na Pista ou na Escola é Tanto Babado: espaços de sociabilidade de jovens travestis*. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Educacional) – Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

MORAES, Ulisses Quadros de. *Pierre Bourdieu: campo, habitus e capital simbólico. Um método de análise para as políticas públicas para a música popular e a produção musical em Curitiba (1971 – 1983)*. Anais do V Fórum de Pesquisa Científica em Arte Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2006 -2007. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/ulisses_moraes.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2016.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. *Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2008.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. *Na “Periferia” da Quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola*. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

PIOVANI, Verônica Gabriela Silva. *Escola, Tecnologia e Sociabilidade na Educação Física: intercâmbios pedagógico-culturais no âmbito do Plano CEIBAL e do PROUCA*. 2012. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

POUZAS, Ubiratan Santos. *Lazer, Juventude e Ensino Médio/Técnico: um estudo sobre as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e lazer no Coltec*. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

RAMIREZ, Rosa Eulógia. *Perfil dos Valores Juvenis Contemporâneos: uma análise comparativa entre escolas particulares e públicas da capital e do interior do Estado do Rio Grande do Sul*. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

SANTOS, Claudemir José dos. *Futebol se Aprende na Escola: novas práticas de sociabilidade esportiva no contexto urbano*. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

SIMMEL, Georg. *Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal*. In: MORAIS FILHO, Evaristo (org.), Simmel. São Paulo: Ática, (Coleção Grandes Cientistas Sociais), 1983.

SPOSITO, Marília Pontes. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993 (editado em nov. 1994).

TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. *Escola, Juventude e Violência: um estudo no ensino médio*. 2013. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

THIJM, Franklin Eduard Auad. *O que Dizem Teses e Dissertações sobre Relações Étnico-raciais em Educação (2004-2013)*. 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará – Belém, 2014.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. *Educação Física Escolar e Relações De Gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos*. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação Física) - Universidade Estadual De Campinas, 2012.

VILLAS, Sara. *Formas de Sociabilidade entre Alunos de uma Escola de Ensino Médio/Técnico*. 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

VIEIRA, Inês Almeida. *"Delicadeza e Espírito de Grupo": o basquetebol como invenção cultural*. 2009. 173 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal do Ceará, 2009.

Artigo recebido em: 08/06/17

Artigo aceito em: 09/07/17